

O devir existencial do velho perante a morte

MANUEL PAES DE SOUSA *

Segundo os filósofos existencialistas, a existência precede a essência; há que procurar a coincidência do pensamento e do ser, coincidência só alcançável na experiência vivida, quando o acto de dizer se identifica com a coisa dita.

O pensamento do Mundo torna-se assim o vivido do Mundo, a identidade da palavra e do real, ou, dito de outro modo, o pensamento deve ser tomado no seu objecto. Trata-se portanto de atingir o vivido, o imediato. Mas para isso é necessário distanciarmos do Mundo; só depois de perdermos o Mundo tal como ele nos é primariamente dado, ou seja, sob a forma de uma presença sensível, desprovida de significação, o podemos reencontrar.

Mas perder o Mundo como dado primário, pressupõe conhecê-lo como tal, o que exige uma metodologia própria, que é a fenomenologia, método de descrição das coisas mesmas, do Mundo tal qual se mostra ao olhar ingénuo, anterior aos conceitos.

Depois de perdido o Mundo pela distância, podemos reencontrá-lo, reencontro que é também reconstrução, recriação.

O Homem não contempla o Mundo, antes o transforma. O Homem faz e faz-se. Tudo o que existe se revela através dele. O Homem é o revelador das coisas.

Espreita o Mundo no momento mesmo da criação, no momento em que o Cosmos nasce do Caos, momento iniciático, órfico.

O Homem revela as coisas, mas o que revela não está já lá? Se a criação é revelação, o Homem é cúmplice da criação primeira.

Mas antes de revelar o Mundo, o Homem está no Mundo; é o estar-lá.

Mas está como possibilidade, como projecto, existe como projecto de existência.

A existência, segundo Jaspers, não é um facto na acepção empírica; é antes possibilidade, escolha de si mesmo.

Mas se somos livres de construir o nosso destino, somos também responsáveis desse mesmo destino, o que, como já o temos dito, torna a condição humana tão peculiar.

Impelido à acção, o Homem julga e valoriza essa mesma acção; o humanismo é assim intrinsecamente moral.

É o que Jaspers precisa ao dizer que o Homem, ao existir, se descobre responsável de si, não sendo o que é, mas «devendo ser».

A existência humana, como projecto de existência que se vai construindo, processa-se como acção em que o Homem se empenha e se responsabiliza, acção que subentende conflito, luta, o que se traduz em sofrimento.

Sufrimento permanente, que envolve o Homem e o acompanha no seu trajecto existencial, acrescido a todo o momento pelo facto de as possibilidades do existir serem finitas e por, conforme Heidegger explicou, a morte não ser exterior ao Homem, acidente que o atinge, mas ser antes condição de si mesmo.

No acto da redução fenomenológica, de se retirar do Mundo para melhor o revelar, o Homem é presa de inquietação, presa da angústia do nada, do vazio.

* Psiquiatra. Hospital de Sta. Maria

Lançado na existência, projecta a existência, mas em angústia, pois que, livre para a morte, inquietada-se com a temporalidade e tanto maior é a angústia quanto mais Deus está morto, quanto mais a Razão é recusada, quanto mais o Universo e a História são ininteligíveis.

Por outro lado, o Homem não está só. Situado no Mundo, entre os outros Homens, inserido num determinado contexto socio-económico-cultural e perspectivado historicamente, a existir entre os outros e em situação não é isento de risco, risco que põe em causa a ordem do existir, no conceito de Zutt.

Na verdade, todos nós nos sentimos protegidos e seguros, quando em acordo dialéctico com a nossa ordem do existir, ordem só possível quando nos aceitamos como Homens no Mundo, criadores de um projecto existencial que se organiza exactamente como a nossa ordem do existir.

A situação existencial do Homem no Mundo é assim frágil, e o seu projecto de existência vai-se construindo dialecticamente, em síntese permanente, em esforço e luta constantes, ameaçado a todo o momento de a sua ordem do existir ser perturbada, o que «o pode lançar na angústia, ou na depressão ou encerrá-lo no delírio», como já tivemos oportunidade de dizer noutra ocasião.

Nesta perspectiva, a situação existencial do Homem idoso no Mundo, é fortemente singular.

Na verdade, o velho é vítima da senescência primária, ligada aos fenómenos biológicos involutivos, dependentes do tempo e independentes do *stress*, traumatismos e doenças e ainda da senescência secundária, ligada precisamente aos fenómenos patológicos que se vão somando no decorrer da vida, senescências primária e secundária que se agravam em círculo vicioso.

Naturalmente que os distúrbios organo-fisiológicos, com o avançar do tempo, transformam pejorativamente o comportamento do geronte, tornando-o incapaz de enfrentar o *stress* do meio ambiente, o que leva à diminuição da capacidade de ajustamento e sobrevivência.

Também a nível psicológico há igualmente uma diminuição progressiva, mais ou menos acentuada, de muitas das características psíquicas com relevância para os aspectos cognitivos, mas também dos afectivos e conativos, perturbações psíquicas de grau fisiológico ou de grau patológico, que podem modificar o

carácter, a personalidade do velho e torná-lo lentificado, diminuído na sua vitalidade e iniciativa, desmotivado, desinteressado, por vezes apático, menos fluído, mais rígido, cristalizado mesmo, teimoso, desconfiado, egotista, conservador, avaro, intolerante, misoneísta, etc., e com explosões emocionais, de excitabilidade, irritabilidade, agressividade, etc., o que se traduz, em última análise, por menor possibilidade de adaptação, maior risco de conflitos interpessoais ou de gerações, em maior vulnerabilidade.

Igualmente a nível social, a vida do velho sofre modificações que, necessariamente, o perturbam: isolamento social e afectivo (menor capacidade de deslocação, perda de familiares e amigos), perda de estatuto sócio-profissional, perda de prestígio (relevância da transformação do patriarcado em matriarcado, nas idades avançadas), conflitos de gerações, incapacidades ou doenças físicas, pobreza, perda da casa, com mudança eventual para um lar ou asilo, tudo situações que diminuem a sua auto-estima e ainda a capacidade de adaptação, com aumento do sentimento de insegurança.

Num terreno biológico desfavorecido, que é o da involução, com menor capacidade de adaptação e homeostase e com *déficits* orgânicos e psicológicos a todos os níveis, a existência do velho é rica de acontecimentos sócio-psicológicos potencialmente patogénicos.

Assim, o idoso descobre-se desarmado e indefeso bio-psico-socio-culturalmente, perante e entre os outros, ameaçado irremediavelmente na sua ordem do existir, já que se encontra na última etapa da sua vida, mais perto do que nunca do desconhecido, dispondo de um tempo cada vez menor para criar um novo e possível projecto de existência e porque a morte se lhe vai insinuando progressivamente, ao ponto de se tornar parte de si próprio, substituindo ou mesmo identificando-se com o seu projecto existencial.

Só que, embora diminuído, apagado, circunscrito, o geronte, enquanto não perde a crítica, utiliza a energia de que dispõe e, se bem que em nível mais regressivo, reage à sua deterioração bio-psicológica e às modificações da sua situação sócio-cultural.

A sua reacção pode tomar os aspectos mais variados: ou deprimir-se, ou angustiar-se, ou desconfiar, ou revoltar-se, ou recusar-se, ou excitar-se, ou agitar-se, ou confundir-se, ou esquecer-se, ou então, por compensação, sobrevalorizar-se narcisicamente, hiperactivar-se,

competir, quantas vezes à custa de estimulantes, euforizantes ou inebriantes.

Mas é indiscutível que as reacções mais vulgares são o angustiar-se, o deprimir-se, e o delirar, ou, em grau mais leve, o desconfiar. O Homem, no seu existir finito, inquieto da temporalidade, tenta manter a liberdade de ser Homem, sofrendo se perde a identidade ou a autonomia, ou se perde a liberdade.

O Homem idoso, perturbado na sua ordem do existir, com o seu projecto de existência suspenso e temporária ou irremediavelmente modificado, vai reagir, e as suas reacções podem ter um cunho natural, «normal», ou atingir graus patológicos; mas em todos os casos as reacções possíveis serão sempre tentativas extremas de evitar, negar, combater ou ultrapassar a morte, através da pretensão da paragem do tempo.

Seja a ansiedade que se traduz por uma crispação interior, dolorosa, que agarra o indivíduo por inteiro e lhe estreita o campo da consciência, do que resulta a paralização da liberdade, e a perda ou da vivência do tempo, ou o vivenciar-se o tempo como suspenso; o Homem ansioso, com medo de morrer, fica preso do conflito acção-não acção, acaba suspenso no tempo, o que equivale a vivenciar a ameaça da morte, já que a morte é o fim do tempo, o parar do tempo.

A ansiedade é assim a possibilidade de se morrer em vida e continuar vivo, é assim uma forma de exorcisar a morte.

Também na depressão, a inibição aprisiona o Homem num mundo fechado e imóvel, em que a liberdade de agir, de ter iniciativa, já não é possível e em que a dor moral, o desânimo, o pessimismo, a culpabilidade o levam à auto-desvalorização ou ao nihilismo e em que o que resta de liberdade se polarizará no desejo da morte, como único meio de ultrapassar o próprio medo da morte, ou seja, antecipando-a, quantas vezes, infelizmente, com expressão real; noutros casos, a depressão tem o valor de negação da vida, de não-vida, como é o caso da apatia, acinese ou então estupor que é, novamente, o vivenciar-se a morte em vida, o ultrapassar-se a morte.

Repare-se que, nas depressões tardias, temas delirantes vulgares são os da negação de se estar vivo ou então negação de si próprio, ou do seu corpo, ou de partes do corpo (não existência do coração, por exemplo); sem corpo como se poderá morrer? Ou também o da enormidade, como fuga mágica ao morrer, já que parece inconcebível ligar-se a noção das

grandes e infinitas dimensões à noção do acabar. Ou também o da imortalidade, seja embora para expiar eternamente os pecados, monstruosos ainda.

Nos estados delirantes puros, o Homem é ameaçado na sua integridade e na sua liberdade: perseguido, influenciado, possuído, a sua liberdade está coarctada, pois que a acção lhe é imposta; por fim, cindido, fragmentado, perde a identidade, aliena-se, separa-se dos outros, refugia-se no autismo, no não-mundo, no não com-viver; alienando-se, perde a condição humana, evita a morte, própria do Homem.

Compreende-se como o velho, em crise, em desespero, será tentado a vivenciar estes estados, páticos umas vezes, psicopatológicos outras, numa presunção de paralisar, suspender o tempo, encerrando-se num mundo imóvel, negando-se a si mesmo e ao Mundo, separando-se de si próprio e dos outros, através da ansiedade da depressão ou do delírio, ou doutras formas patológicas, ou de formas reactivas ditas «normais»; de qualquer modo estados esses que lhe permitirão, em última análise, escapar ao seu destino inelutável.

Como recurso de urgência poderá ainda confundir-se ou entrar em confusão mental, como modo de não ter consciência do devir temporal e da aproximação da morte, de poder vivenciá-la, de a exorcisar portanto.

Lembre-mos que o grau máximo da diminuição da vigilância é o coma!

Como último recurso, o esquecer-se, o não saber, o demenciar-se, como formas de não-ser; sem a qualidade de ser humano, como será possível sofrer o destino derradeiro dos humanos — morrer?

Será que o idoso reagirá sempre negativamente à sua situação de pré-morte?

Não será factível reagir harmoniosamente, tentar manter a unidade do seu projecto humano, que aspira à ordem do inteligível, por intermédio da ordem do existir?

Na verdade, o geronte tem a possibilidade, ajudado embora por todos nós, de poder construir um novo e exequível projecto existencial, adequado às reais condições do seu existir, projecto que lhe dará a respectiva ordem e lhe permitirá viver em tranquilidade, pois é vivendo que o caminho para a morte será mais longo e a própria morte será adiada.

Para isso será importante que a Razão não seja recusada, que o Universo e a História sejam inteligíveis, e, porque não?, que Deus não esteja morto. O mesmo é dizer que o velho não

se negará à vida, nem a si próprio, nem aos outros, nem ao Mundo; ajudado, exactamente, pelos outros, tentará viver em congruência e equilíbrio, aberto positivamente para o acontecer que procurará aceitar e compreender, usando a sagesa feita da experiência vivida, integrante e integrada, perspectivado para um futuro que continuará a edificar.

É, ao fim e ao cabo, a morte entendida ainda como parcela, complementar e necessária, da vida.

SUMMARY

This paper develops a reflection on the attitude of old people concerning the approach of death. The author considers normal and pathological pathways in dealing with the vicinity of death. One of the issues to escape bereavement is the construction of a renewed existential project, more adequate to the peculiar situation of the elder facing extinction.